

"Existe algo na loucura que apela permanentemente para as rupturas e cortes abruptos, para a enorme dificuldade de junção e articulação, que remete para almejar o impossível, à suspensão parcial de níveis de realidade, para o chamado mais agudo e constante da disjunção e da destruição, e da compulsão incessante à repetição (...)" (p. 19)

Para Chaim Katz, a "atualidade" da problemática das psicoses é sobretudo a consideração da atualidade das pulsões, do pulsional insistente *agora*, com suas características essenciais de intensidade e mobilidade, de indeterminação. O que caracteriza a experiência do psicótico é a irrupção contínua e *unheimlich* de uma atividade pulsional que não se deixa representar. A psicanálise, saber paradoxal que propõe justamente incluir o que é estranho, não pode se esquivar do tema mais abrangente da loucura, que não se deixa circunscrever por uma metapsicologia exata.

Mas *existe* a loucura? Nome, figuração ou acontecimento? Experiência da loucura ou saber sobre a loucura? O campo pulsional aberto pela psicanálise desloca a loucura "para além" da equivalência com outras figurações da morte contidas na célebre "fôrma" foucaultiana - sucessão de figuras permutáveis, ligadas a uma experiência da morte vivida e temida enquanto *exterior*

## Freud, o fio e o pavio

Resenha de Chaim Samuel Katz,  
*Freud e as Psicoses: Primeiros Estudos*, Rio de Janeiro, Xenon Ed., 1994, 274 p.

ridade. Embora tenha compartilhado com a lepra e as doenças venéreas o destino de exclusão social e inclusão médica, a loucura traz especificidades, na medida que é inseparável do exame da "experiência da loucura": a presença da morte está colocada também para o próprio louco, como "afeto" permanente, que insiste a partir de *dentro*. Ela se faz então interioridade, *morte introjetada* que também constitui o humano, disruptivamente, nos contínuos processos de ligações e desligamentos, conjunções e disjunções, "similar ao que Freud produziu com o nome de 'pulsão de morte'" (p. 21)

Contudo, a psicose não é a loucura. O nome, tomado em conformidade à terminologia médica e psiquiátrica, indica que Freud olhou para a loucurajá em sua roupagem moderna, no marco de sua medicalização instituída. Isso implica uma certa continuidade da psicanálise com os saberes em oposição aos quais ela se produziu: seus limites para pensar a loucura estarão parcialmente condicionados ao recorte prévio da loucura como "psicose", isto é, como *tipo* de funcionamento psíquico a ser teorizado e passível de "tratamento". Ao mesmo tempo, algo na loucura resiste, escapa à teorização e à repre-

sentação.

Por que então *Freud e as Psicoses*? Se as psicoses permanecem como uma questão para a teoria, se sua "verdade" ainda se encontra em processo de criação, é porque ela se formula nas bordas do campo analítico. Trata-se então de examinar criticamente *como* Freud construiu esse campo, na fundação mesma de seus princípios, e interrogar sobre seus limites e virtualidades. O lugar das psicoses e dos psicóticos interessa *agora* porque o presente da psicanálise exige redimensionar seu campo de saber/fazer. É esse o "sentido do presente" na base de uma linha importante da investigação analítica atual: "revisitar o mestre", visando recuperar sua potência criativa, seu valor de disrupção frente a outros saberes, o que só é possível a partir de uma positivação de suas ambivalências.

Justamente uma preocupação em seguir fios de continuidade ali onde frequentemente só se consideram as rupturas é o que marca o modo de investigação do autor, ao mesmo tempo que aponta as limitações das leituras baseadas na "produção de um 'corte epistemológico' como ponto de não retorno". Assim, trata-se de *fazer trabalhar as passagens, as transições, as bordas* - entre os vários saberes sobre a loucura, entre as diferentes "psicanálises", entre a psicanálise e outros saberes... O achado desse viés metodológico merece ser comemorado, pois se coloca em uma posição especial em relação ao seu objeto de estudo. Se levarmos em conta a resultante das for-

ças sociais, por mais "sutis" que se façam seus dispositivos, os psicóticos ainda se encontram presos à "fôrma" da loucura.

Contudo, o trabalho aqui resenhado coloca a questão incômoda de que a psicanálise acaba reproduzindo a partição normal/anormal, desta vez no interior do seu campo de teorização, se a subjetivação psicótica só puder se colocar em negativo, isto é, como "falha", desvio ou fracasso na constituição (normativa) do sujeito. Chaim: "A questão mais importante no campo específico das psicoses é a produção de diferenças psíquicas". (p. 9)

O território plural da psicanálise freudiana exige, então, ser explorado em seus desníveis, em suas oscilações. O autor partirá da hipótese de que a psicanálise contemporânea, desde a divulgação de certas leituras estruturalistas, tende a considerar apenas uma vertente da produção freudiana - a que impõe uma primazia do representado, da significação, e da linguagem. O que "restaria" dessa posição seria justamente toda a teorização sobre as pulsões, "o objeto mais importante da psicanálise". Trata-se, então, de reconhecer as raízes freudianas dessa leitura, procurando ao mesmo tempo seu contraponto... freudiano. Para

que? A fim de criar "um novo registro para pensar as psicoses", que instrumentalize uma clínica *efetiva* para psicóticos: "em psicanálise, toda investigação pressupõe uma transformação, e esta não deve se resumir aos chamados objetos teóricos". A inquietude e a paixão do autor da/na clínica se (re)afirmam, assim, ao mesmo tempo como ponto de partida e horizonte desse seu último trabalho.

O que resulta dessa proposta é bem mais que a configuração da temática das psicoses no primeiro Freud. O desenvolvimento do livro passa pela abordagem crítica dos conceitos e noções centrais da psicanálise, na forma como foram construídos e como tenderiam a se reproduzir.

Entre eles, talvez o mais importante diga respeito ao estatuto do sexual. Ao privilegiar o modelo simbólico e da significação numa vertente importante e duradoura de sua obra, Freud teria posto provisoriamente entre parênteses toda a produção iniciada nos "Três Ensaio" acerca das pulsões. Isso teria criado as condições para a produção de uma psicanálise que reduz a sexualidade à significação a posteriori dos primeiros momentos erógenos, operada no registro da diferença sexual. "Uma organização desejante recalçada como determinadora das pulsões" (p. 10), assim subtraídas de seu valor de força, intensidade longe do equilíbrio. Um silenciamento da inovação teórica da proposição de um "ser da pulsão", como "ser de mediação" entre duas ordens, o somático e o psíquico", como diz Joel Birman, citado pelo autor.

Esta problemática será examinada em toda a sua densidade no capítulo 5. O autor vai percorrer os textos freudianos iniciais até *A Interpretação dos Sonhos*, mostrando de que modo toda uma

teoria dinâmica que considera os afetos, as quantidades e o sensível como constitutivos diretos do psiquismo vai sofrendo uma homogeneização a partir da idéia de uma mediação *obrigatória* pelo campo representacional. Por sua vez, este campo será organizado e cada vez mais *determinado* por uma lei externa de caráter universal. No modelo assim construído, as instâncias psíquicas, especialmente dispostas numa seqüência hierarquizada, são registros de superação: o modo de passar dos impulsos até o inconsciente é o seu enlace com representações verbais, pois só estas têm qualidades específicas, através dos signos lingüísticos. O recalque marca as bordas de cada registro, determinando o que pode ser incluído, sendo elevado assim a mecanismo principal e único na fundação do inconsciente e do humano.

Essa problematização em torno do que pode ser inscrito no psiquismo, do que faz registro ou instância, coloca de imediato a questão (fundamental para a clínica) do que se faz memória, do que pode ser lembrado. O "apagamento" (teórico) de uma memória específica dos signos de percepção determinaria uma escuta que busca recuperar "cenas" oralmente memoráveis de uma infância factual e cronológica, e não "acontecimentos" (traumá-

ticos) que se atualizam na transferência pela repetição do infantil pulsional. O trauma aí considerado já não é o trauma quantitativo, "trauma 'sensível' de sensações insuportáveis", que não alcançam significação; mas trauma simbolicamente produzido, destituído de suas características de "força, transgressão e excesso". A cura passaria pela recons-trução *narrativa* de uma história de vida, "romance" individual ou familiar que se faz no registro representacional. As psicoses, neste modelo, seriam "empurradas para o pólo mais regredido e não ins-tanciado do aparelho psíquico - a percepção". Destinadas a produzir apenas "imagens de sentido que não fazem significação plena, pois não se enlaçam com a durabilidade da verbalização", psicoses são expressão de regressão. A palavra psicótica se faz "coisa", fala vazia que procura inutilmente um enganchamento re-presentacional.

Com a postulação das fantasias "plenas de desejo" organizadas em torno do papel articulador do pai, uma "etiologia paterna" é estatuída no registro psicológico. A escuta passa a se guiar pela procura de uma geometria prévia a ser "revelada" no/pelo discurso. Desse ponto de vista a formulação posterior de um Complexo de Édipo como "núcleo máximo e único na atração dos impulsos psíquicos" é a expressão mais estruturada (e estruturalista) de uma teoria representacional.

É desta perspectiva que o autor vai examinar, no último capítulo, a elaboração freudiana do "Caso Schreber", tomada como produto "exemplar" de uma teoria representacional - e também de suas limitações. Acompanhando a correspondência entre Freud e Jung, o

autor vai afirmar que todo movimento freudiano em direção à primazia de um simbólico unificado e unificador vai "encontrar à disposição" a noção (psiquiátrica) de complexo. Será postulado um "complexo paterno" como *finalidade* a ser atingida pelo psiquismo através de um trajeto libidinal que "evolui" do auto-erotismo às relações objetivas "determinadas pelo lugar (vacante) do pai". O delírio é uma "tentativa de cura" no entanto entendida como restituição de uma realidade psíquica integrada ao sistema simbólico, como esforço de restituição do complexo paterno - e não como produção de características específicas ligadas a processos libidinais singulares. A paranóia é regressão homossexual e não insistência homoerótica.

A aceitação da noção jungiana da existência de complexos psíquicos que determinam a emergência de nosologias diferenciadas redimensiona a persistência de uma "linha tipológica" no pensamento de Freud. As noções médicas de "tipo clínico" e funcionamento, cuja fonte e influência mais imediata para Freud se deram através de Charcot, se manifestam aqui

como uma tendência parcial a propor uma classificação nosográfica exata, de base sexual, fundada na concepção de uma libido evolutiva por fases e suas fixações.

Mas, se o fio aparente que conduz o encadeamento do livro é o recorte de uma teoria representacional em Freud e suas ressonâncias estruturalistas, um outro registro de leitura vai se compondo de forma atomizada através das pontuações e comentários do autor. Aqui, o recurso ao "outro" Freud, outros psicanalistas, e especialmente a outros saberes, se faz fundamental. Nietzsche, Bergson, Heidegger, Schopenhauer, Saussure, entre muitos outros, são então personagens/interlocutores privilegiados do trabalho de Chaim. Sem que seja o caso de nos estender, destacamos no entanto as belas elaborações extraídas do conceito de *referente*, de Pierce, como um terceiro constituinte da linguagem ao lado do significante e do significado (p. 122 e seguintes); a formulação de um "sujeito da castração" a partir das intersecções entre um "sujeito da experiência" e um "sujeito transcendental" (Husserl e Kant), (p. 133); e, com Benveniste, as considerações sobre uma "retórica" do inconsciente comparável aos procedimentos estilísticos do discurso (p. 192).

O conjunto dessa construção, feita de arranjos descontínuos e instáveis, vai delineando as bases para uma teoria *outra* onde a subjetividade psicótica é afirmada enquanto diferença positivada. Nela, "o infantil das pulsões é *agora*", porque a sexualidade humana está condicionada e imbricada ao apelo constante das "necessidades da vida". Resta das primeiras vivências de satisfação uma trilha mnemônica, modelo para outras satisfações, que obriga o psiquismo a investir repetindo. O desejo é essa "procura investida" onde as pulsões se impõem necessariamente ao sistema simbólico. O humano, aqui, é marcado por uma sexualidade que não se deixa significar por inteiro, nem permanentemente, porque o que há são "afetos sexuais" e sua dinâmica regulada pelo diferencial prazer/desprazer. Isso possibilitaria o exame da questão das psicoses no registro das forças, da especificidade das pulsões, abrindo vias para uma escuta afirmativa da "língua fundamental" do psicótico, como algo que *faz, produz* sentido, e não como tentativa (sempre fracassada) de "dizer o nome do pai", na ordem do discurso significacional.

Ainda nessa direção, mencionemos ao menos de passagem uma deliciosa "história da transferência" contada nos capítulos iniciais. Desde uma certa "cura de almas" do século XVIII, até o hipnotismo de Charcot, toda uma tradição de práticas curativas baseadas na relação especial do

doente com alguém "investido" é examinada, tendo como eixo uma indagação sobre qual o teor da "descoberta" freudiana. Neste percurso, o que vai interessar o autor é evidenciar que o próprio corpo pode ser influenciado e modificado pela sugestão. O débito mais fundamental de Freud para com o hipnotismo seria o que este revela sobre as influências mútuas entre o anímico e o fisiológico, pensadas mais tarde na teoria pulsional. Isto permite introduzir uma interessante reflexão sobre a transferência como "capacidade do corpo" e acerca de que corpo *se trata* na psicanálise - corpo erógeno e sexuado, mas ainda assim, corpo humano vivo, corpo efetivo (*wirklich*), marcado também pelas pulsões de auto-conservação, que Freud nunca abandonou (p. 56).

*Freud e as Psicoses* é um desses escritos psicanalíticos que nos obrigam a trabalhar em posição de simetria com o texto, acompanhando suas indagações com o campo singular de associações que move em cada leitor. Essa abstenção de se apresentar como sistematização bem acabada é o que faz, ao mesmo tempo, a dificuldade e a generosidade do texto de Chaim - já que permite uma multiplicidade de "montagens" possíveis.

O efeito desse trabalho de leitura pode, então, incidir diretamente numa escuta cujo interesse não se restringe certamente a uma clínica específica das psicoses. Trata-se exatamente de uma discussão em torno de qual o teor da "matéria psíquica" sobre a qual trabalhamos, e portanto do que é passível de interpretação. Abre-se como perspectiva uma "clínica dos sentidos", onde interessa ao psicanalista uma linguagem desenhada entre o

corpo e a fala, feita de gestos, de atos, de cadências, tons e atmosferas - linguagem que "diz", concomitantemente a uma história significacional onde se expressa "o registro trágico do indivíduo".

Por fim, aos nossos reuços diante das complexidades, da instabilidade e provisoriabilidade das "verdades" no nosso campo de saber, conviria responder com o autor e com sua marca inconformável de *indocile liberté*: "A tragédia se inscreve nos escritos não reprodutivos, o melhor a fazer é repetir, procurando estabelecer diferenças" (p. 253).

**Nayra Cesaro Penha Ganhito** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, e professora do curso de psicose do Setor de Saúde Mental do mesmo Departamento.

#### NOTA

1. O autor se refere ao conceito de introjeção, de Ferenczi: "...a extensão ao mundo externo do interesse, autoerótico na origem, pela introdução dos objetos exteriores na esfera do ego; (...) todo amor objeto (ou toda transferência) [é uma] extensão do ego ou introjeção." *Sandor Ferenczi, Obras Completas*, vol. 1, São Paulo, Martins Fontes Ed., 1991, p. 181.